

Hospital de Base agoniza

Lilian Tahan

Da equipe da **Correio**

A ala de pacientes cardíacos do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) não vai parar as cirurgias pelo menos nos próximos dias. Mesmo com equipamentos precários, falta de medicamentos e de profissionais, a direção do hospital decidiu não suspender as operações do coração emergências ou eletivas, aquelas em que não há urgência cirúrgica. O diretor do HBDF e atual secretário-adjunto de Saúde, Aluizio

Franca, confia em uma promessa do governo federal para resolver a crise. Até o final do mês, a Secretaria de Saúde espera receber do Ministério da Saúde R\$ 15 milhões para comprar remédios e material de uso hospitalar.

Um grupo de médicos da Unidade de Cardiológica teve um encontro na quinta-feira com o promotor Jairo Bisol, da Promotoria dos Usuários dos Serviços de Saúde (ProSus) e disse que suspenderia as cirurgias caso a direção do HBDF não providenciasse os medicamentos e material cirúrgico, como prótese de válvula cardíaca, itens vitais para operar os pacientes com segurança. A lista de reivindicações foi apresentada à diretoria do hospital e nela constam desde mais leitos para a UTI até antibióticos para o tratamento de infecções.

"Vamos avaliar se o que falta pode comprometer a vida do paciente. Talvez tenhamos que sus-

pender as operações eletivas por um período de 10 a 20 dias até que os medicamentos e equipamentos sejam comprados", prevê Aluizio Franca. O quadro é tão grave que ele estuda a possibilidade de transferir algumas das cirurgias cardíacas para os hospitais particulares.

OPERAÇÃO

Aespera não será novidade para os 140 pacientes que aguardam na fila pela intervenção cirúrgica. Maria Rita Gonçalves, 40 anos, perdeu a conta dos dias em que já dormiu no Hospital de Base à espera de uma valvuloplastia — operação para corrigir parte da veia aorta dilatada. Dona de uma banca de mochilas na feira da Ceilândia, não vê a hora de voltar a trabalhar. "Vai para lá de seis meses que estou mofando aqui. Não sei nem se tenho mais o meu lugar na feira."

Hoje a paciente recebe alta,

mesmo sem ter passado perto da mesa de cirurgia. Maria Rita não está curada. Cada vez mais sente as dores apertarem o peito, mas como não há previsão para conseguir ser operada, os médicos decidiram mandá-la Embora. "Eles dizem que poderia morrer, caso fizessem a cirurgia e eu pegasse uma infecção", resigna-se. De fato, a falta de antibióticos para tratar a possível proliferação de bactérias impede os procedimentos cirúrgicos.

O presidente do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, Luis Salinas, garante que o órgão está vigiando os procedimentos cirúrgicos do hospital e poderá, caso necessário, adotar medidas punitivas.

O promotor Bisol também alerta à Secretaria de Saúde e a direção do HBDF que o Ministério Público estudará medidas para definir responsabilidades pelo sucateamento do hospital.